

mentarismo, interpretada como apoio ao Presidente, o que leva a Autora a considerar essa fase como a clímax da ascensão governamental. Se a Esquerda passara por uma fase de pessimismo com relação às suas próprias perspectivas, no período imediatamente anterior, agora a campanha do plebiscito oferecia a ela uma conjuntura positiva, na qual "a luta pela implantação do presidencialismo é transformada em batalha pelas reformas estruturais, sob a sua liderança".

Esperamos ter mostrado com este resumo das idéias contidas no trabalho de Paula Belguelman, sua grande contribuição ao campo da investigação teórica sobre a realidade política brasileira, contribuição que tem seu maior sentido na abertura de diálogo com outros autores conceituados a respeito de seus pressupostos metodológicos e das interpretações daí decorrentes; na reflexão *realmente científica* sobre a problemática brasileira em seus níveis mais profundos; na recusa à adoção de esquemas prontos, supostamente válidos para todas as economias periféricas e aplicados sem a necessária consideração da especificidade do caso brasileiro; no reconhecimento do devido valor da consideração do empírico e do histórico na construção de hipóteses; na possibilidade de elevação do ensino da Organização Política Brasileira a um alto nível de reflexão teórica. — NELY PEREIRA PINTO CURTI.

LARAIA, Roque de Barros e Matta, Roberto da — *Índios e Castanheiros — A empresa extrativa e os índios no médio Tocantins*, Coleção "Corpo e Alma do Brasil", S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967, 146 pp., com 3 fotografias e 1 mapa.

A região do Médio Tocantins foi apontada por Roberto Cardoso de Oliveira, do Museu Nacional da Universidade do Brasil, como uma das áreas a serem privilegiadas pela pesquisa étno-sociológica, na medida em que o contato entre brancos e índios assume aí formas bem definidas do que se convencionou chamar de "fricção-interétnica". Dentro desta perspectiva metodológica, a situação de mudança decorrente do contato entre grupos culturalmente diversos, tem que ser estudada não em si, mas em relação à sociedade envolvente, que é a principal responsável pela forma com que o grupo tribal será integrado ou não em um de seus segmentos. Assim, algumas questões são prioritárias dentro desta abordagem, como a compreensão das razões que levaram os brancos a entrar em contato com as tribos indígenas, o entendimento minucioso de como se estrutura essa sociedade local dos brancos, quais as intenções dos civilizados face aos índios. Trata-se de uma posição metodológica que se pretende "enraizada", procurando não só oferecer o relato ou descrição da vida tribal face ao contato, mas busca as implicações mais profundas deste contato, seus móveis, dinâmica e perspectivas.

Foi dentro desta preocupação, e sob esta perspectiva que Roque de Barros Larala e Roberto da Matta efetuaram suas pesquisas de campo, cujo resultado constitui o presente livro. O trabalho é dividido em 2 partes, cabendo ao primeiro Autor o estudo do contato interétnico de duas tribos Tupi, a dos Akúáva-Asurini e a dos Surul, com brancos, e ao segundo, o estudo dos mesmos mecanismos entre o grupo Jê dos Gaviões. Embora se perceba nítidas diferenças na maneira de expor e conduzir o problema, os dois autores apresentam neste trabalho unanimidade em apontar que a dinâmica do contato deve sempre ser analisada a partir da sociedade nacional, que através de suas frentes pioneiras (ou "regionais" como diz Larala) reflete um interesse definido face à tribo, interesse que na maioria das vezes se prende ao desejo de apropriação das terras que são habitadas pelos índios, podendo apresentar também formas mais sofisticadas, como a exploração dos silvícolas como mão-de-obra barata nas atividades extrativas, ou fornecedores de produtos básicos para a subsistência dos regionais. É importante salientar que o tipo de relação que a sociedade nacional estabelece com os índios mantém vinculações extra-regionais, refletindo muitas vezes as próprias oscilações do mercado mundial, que se enraíza nestas franjas pioneiras através da manipulação das agências do poder político.

Contudo, ao lado desta perspectiva, temos que observar que a dinâmica do contato dependerá também do próprio tipo de organização social do grupo indígena. Destarte, por exemplo, a sociedade Akuáwa-Assurini, devido ao seu sistema matrimonial não funcional, reagiu ao contato de maneira muito mais instável e insegura, em comparação com seus vizinhos Suruí, que dispendo de um sistema de trocas matrimoniais que reforçava a solidariedade grupal, manteve contato com o mundo do branco de maneira menos desastrosa que os primeiros. Todavia, o efeito desintegrador do contato com os civilizados é uma constante trágica que afeta indistintamente as sociedades tribais.

Sintetizando ainda o pensamento dos Autores, vemos como o contato da sociedade brasileira com os grupos indígenas, quer se trate de Jê ou Tupi, acarretou conseqüências gravíssimas para tais grupos, numa sucessão de catástrofes que começam pela violenta depopulação, desorganização sócio-cultural, marginalização e até mesmo extinção total da tribo. Tais mudanças tão cruciais são abordadas no decorrer do livro em três níveis distintos, mas intermíntes: no nível da cultura, da sociedade e da personalidade. E para apreender profundamente este processo, os Autores são cuidadosos em registrar o histórico do contato e a dinâmica do envolvimento das tribos pela sociedade nacional. Tal abordagem diacrônica, especialmente no caso dos Gaviões e Assurini é enriquecida com a descrição do sistema de parentesco destas tribos antes do contato, cuja finalidade foi primeiramente comparar duas formas organizacionais distintas, e em seguida, mostrar como os regionais levaram à ruína tal sistema que era básico para a sobrevivência tribal. Ao lado desta reconstrução histórica, o estudo sincrônico da estratificação social e da estrutura de poder entre os regionais constitui um dos pontos básicos para a compreensão da dinâmica inter-étnica nas regiões extrativas do norte do Brasil.

Este trabalho, como se vê, representa uma valiosa contribuição tanto para a antropologia como para a sociologia, na medida em que, como um "estudo de caso" do contato interétnico de 3 tribos indígenas com a sociedade nacional, teve o privilégio de registrar, com todo o viço, o momento histórico da diluição de um povo. Tal registro deixa bem claro quão sinistra é a situação atual e as previsões futuras para as sociedades indígenas quando envolvidas por determinados segmentos da sociedade nacional brasileira. — LUIZ MOTT.

